

O futuro ancorado em raízes milenares

A cultura negra, em suas diversas manifestações, faz parte do Brasil desde o início da formação do país. Conforme seguimos em frente, é necessário valorizar a ancestralidade, preservada por brasileiros pretos

POR AILIM CABRAL E CAROLINA MARCUSSE*

Um conjunto de estruturas sociais, religiosas, intelectuais e artísticas que caracterizam um grupo ou sociedade é uma das definições de cultura. O termo também engloba normas de comportamento, saberes, hábitos e crenças que diferenciam um grupo de outro. Aqui entram a música, a gastronomia, a moda, o artesanato, os acessórios e tantas outras formas de expressão.

E, quando se fala em grupo ou sociedade, é possível fazer os mais diversos recortes. Um deles se refere à cultura negra. Englobando pessoas e grupos sociais de diversos países, não apenas do continente africano, entre eles o Brasil, essa é uma cultura extremamente rica e diversa, apesar do apagamento histórico pelo qual passou.

Embora marcada pela diversidade, existem alguns aspectos comuns à cultura negra, independentemente de ser, por exemplo, senegalesa, congoleza ou brasileira. A valorização dos cabelos afro, incluindo os diferentes modelos de tranças e as modelagens de black power; as cores vivas aliadas às estampas; as músicas com forte referências de batuque; a gastronomia rica em temperos e sabores e as raízes religiosas com ligações com a natureza são alguns desses elementos.

O Mês da Consciência Negra, celebrado em novembro, é um dos momentos específicos para dar atenção ao tema, que não deve, no entanto, ser esquecido ao longo do ano, como pontua Saulo Pequeno, antropólogo do Centro Universitário de Brasília (Ceub).

O professor comenta que a sociedade brasileira foi constituída em cima de uma série de apagamentos, estratégicos para as relações de poder em estruturas racistas. Lutando contra esse cenário histórico, evidenciar, manter e trazer para a visibilidade

“A resistência negra contra a opressão começou imediatamente, e persiste até hoje”

Saulo Pequeno, antropólogo do Centro Universitário de Brasília (Ceub)

as culturas negras, em suas mais variadas formas de apresentação, faz-se mais do que necessário.

“Precisamos mostrar que essas pessoas e culturas existiram no passado e existem no presente. Esses modos de vida são essenciais para manter laços fraternais e comunitários entre pessoas negras, mantendo também esses laços com a própria história e cultura”, explica.

O antropólogo ressalta que, embora seja de extrema importância rastrear as raízes ancestrais e buscar as referências que se perderam, a cultura negra não é algo que se precise buscar ou idealizar, mas, sim, trazer visibilidade. Saulo afirma que a cultura negra está no Brasil desde a chegada do primeiro navio que trazia negros escravizados, exemplificando que poucos anos depois nascia o primeiro quilombo registrado. “A resistência negra contra a opressão começou imediatamente, e persiste até hoje.”

Pelo fim do apagamento

O Brasil, em sua identidade, nasce como uma nação diaspórica e, embora a cultura negra esteja em sua origem, sofre processos de embranquecimento

desde o Brasil Colônia. Saulo menciona a tentativa de ressignificação de receitas africanas, transformando-as em somente brasileiras, negando sua origem negra, como no caso do acarajé.

A música passa por processo semelhante, uma vez que os ritmos, cânticos e instrumentos também podem passar por processos de descaracterização com relação aos seus criadores. No caso da moda e da estética, o processo é mais complexo, uma vez que é mais difícil dissociar os símbolos da cultura africana dos rostos e corpos negros.

Ao resgatar as referências negras desses elementos culturais, Saulo afirma que se inicia um processo de restauração da riqueza cultural africana e afro-brasileira, conectando o presente com as múltiplas referências do passado, que, embora tenham sofrido inúmeras tentativas de apagamento, resistiram.

“Essa cultura já faz parte do nosso cotidiano, como nos grupos de capoeira e nas centenas de terreiros de umbanda e candomblé mapeados no DF. É uma cultura que está aqui e precisamos trabalhar para que o apagamento deixe de existir”, afirma.

Indo além, absorvendo o conceito de cultura e o elevando a um papel muito maior do que apenas estética, alimentação ou arte, Saulo explica que não basta a valorização da estética negra se não há a valorização do indivíduo como alguém detentor de direitos.

“Não queremos estar na capa da revista e continuar ocupando um quatinho de empregada. Não queremos estar na televisão se em em uma loja só podemos trabalhar atrás do balcão. Não é uma reivindicação por representação ou identitarismo, como se isso bastasse. Tudo isso vem acompanhado de processo cultural, político e trabalhista, visto pela população negra como um processo só”, completa.

*Estagiária sob a supervisão de Sibebe Negromonte